



Novo Mapa das Religiões e Relações com a Economia

Marcelo Neri

Luísa Carvalhaes

2011

NERI, Marcelo C.
CARVALHAES, Luísa.

"Novo Mapa das Religiões e Relações com a Economia" (Marcelo Neri, Luísa Carvalhaes),
Rio de Janeiro, RJ – 2011 - FGV Social – 43 páginas.

1. Religião. 2. Economia. 3. Max Weber. 4. Brasil. 5. Ciclo da Vida. 6. Gênero.

As manifestações expressas por integrantes dos quadros da Fundação Getulio Vargas, nas quais constem a sua identificação como tais, em artigos e entrevistas publicados nos meios de comunicação em geral, representam exclusivamente as opiniões dos seus autores e não, necessariamente, a posição institucional da FGV. Portaria FGV N°19.

Novo Mapa das Religiões e Relações com a Economia¹

*Marcelo Côrtes Neri**

*Luísa Carvalhaes Coutinho de Melo***

RESUMO

O Brasil é o país com a maior população católica do planeta. A evolução de variáveis socioeconômicas na década de 1990, aí incluindo casamentos, fertilidade, renda, moradia entre outras, revelam que nenhuma mudou tanto quanto a composição religiosa da população brasileira. O Censo é a base de dados mais usada nos estudos no tema, porém, as estatísticas estão hoje paradas no Censo 2000. A Pesquisa de Orçamentos Familiares 2009 – POF/IBGE permite medir a religiosidade brasileira recente detalhando subgrupos religiosos com classificação comparável a do Censo e possibilidade de cruzamentos com uma gama maior de variáveis. Este estudo processa microdados da POF de 2003 e 2009, quando o contexto econômico difere das décadas anteriores, permitindo estudar as relações entre economia e religiosidade num contexto de expansão. Mostramos que: i) há velocidade de queda do catolicismo dez vezes mais rápida do que a observada entre 1872 e 1980, mas similar à dos anos 1990, embora as novas filiações sejam não apenas nos grupos evangélicos pentecostais, mas mais nos protestantes tradicionais; ii) ao contrário dos países europeus mais católicos que vivem contração econômica, as localidades brasileiras mais católicas vivem expansão mais forte que as demais; iii) os brasileiros se mostram na mediana de frequência a cultos religiosos em 150 países; iv) as mulheres, embora mais religiosas que os homens, tornaram-se menos católicas; v) os jovens mostram uma fuga mais acelerada do catolicismo.

Palavras-chave: Religião. Economia. Max Weber. Brasil.Ciclo da Vida. Gênero.

¹ Artigo produzido a partir da pesquisa completa publicada no site do Centro de Pesquisas Sociais da Fundação Getúlio Vargas em 2011: Novo Mapa das Religiões. Cf. NERI, 2011.

* Ph.D em Economia (Princeton), FGV Social/CPS, professor de graduação e mestrado da EPGE/FGV, Brasil. E-mail: marcelo.neri@fgv.br

** Pós-graduanda em Administração de Projetos (FGV), graduada em Economia, pesquisadora do FGV Social/CPS.

New Map of Religions and Relations with Economics

ABSTRACT

Brazil is the country with the biggest Catholic population in the World. The evolution of socio-economic variables during the 1990s such as marriage, fertility, incomes, housing among others, revealed that no other variable changed as much as the religious composition of Brazilian population. The Demographic Census is the mostly widely used survey in religious studies. However, these statistics are today only available until 2000. Microdata from national Family Expenditure Surveys (POF/IBGE) allows to measure the religious evolution in sub-groups detail and to explore a richer array of correlated variables. This study processes microdata from POF in 2003 and 2009 when the economic context was different from the previous decades. It allows to study the relation between economics and religion during a boom. We show that: i) The speed of the fall in catholicism in Brazil is similar to the one observed in the 1990s. Although the destinies are less the Pentecostal Evangelicals and more Traditional Protestants. ii) As oppose to major European Catholic countries that are facing a recession, more catholic Brazilian regions are growing faster. iii) Although females are more religious than males, they are less catholic. iv) There is a faster reduction of catholics among the youth in Brazil. v) Brazilians are on the World median in terms of attendance to religious activities.

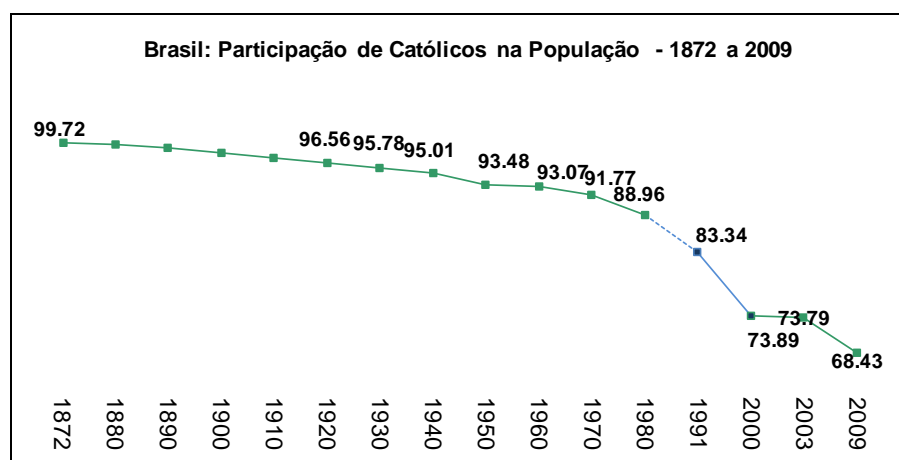
Key words: Religion. Economics. Max Weber. Brazil. Age and Gender

1 Introdução

1.1 A Nova Queda Católica

A análise da evolução do conjunto de variáveis socioeconômicas dos Censos Demográficos de 1991 e 2000, aí incluindo casamentos, fertilidade, ocupação, renda, moradia, acesso a bens de consumo, entre muitas outras, revela que nenhuma mudou tanto quanto a composição religiosa da população brasileira. O catolicismo, que já vinha decrescendo desde os primeiros registros censitários brasileiros, de 1872, caiu a taxas aceleradas nos anos 1990. O Censo é tradicionalmente a base de dados usada nos estudos acerca da religiosidade do brasileiro, mas as estatísticas referentes ao Censo 2010 ainda não foram disponibilizadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Trabalho do CPS de 2007 demonstrou a partir do processamento de microdados da Pesquisa de Orçamentos Familiares de 2003, também produzida pelo IBGE, que pela primeira vez em mais de um século a proporção de católicos no Brasil parou de cair, mantendo-se estável no primeiro quarto de década, com 73,79% em 2003. De lá para cá, pouco se sabe, em bases de representatividade nacional, sobre o que houve com o catolicismo no Brasil. Este estudo demonstra a partir da nova POF a volta da queda do catolicismo no Brasil, chegando a 68,4% em 2009. Essa queda do catolicismo foi 10 vezes maior nos anos 1990 e nos últimos 6 anos que o secular declínio ocorrido de 1872 a 1970, de 1 ponto percentual por década, como ilustra o Gráfico 1.

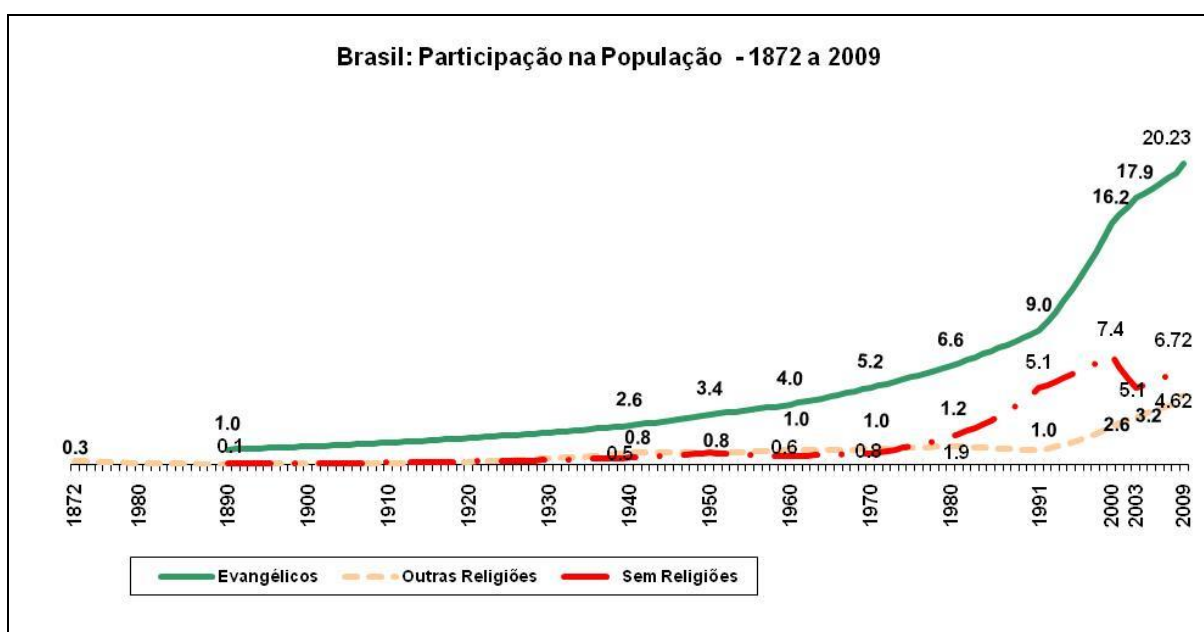
Gráfico 1 – Brasil: participação de Católicos na População – 1872 a 2009



Fonte: CPS/FGV a partir do processamento de dados publicados e microdados do IBGE 1872-2009

Os evangélicos, incluindo-se tanto os ramos tradicionais quanto pentecostais, seguem a sua trajetória de crescimento, passando de 16,2% para 17,9% nos primeiros anos dessa década, chegando a 20,2%. Os “sem religião”, cuja participação havia caído de 7,4% para 5,1%, subiram para 6,72% em 2009. Ou seja, a religiosidade não esteve em baixa no Brasil na alvorada do novo milênio e, além disso, houve diversificação das crenças alternativas na década passada. As religiões alternativas, que saíram de 2,6% em 2000 para 3,2% em 2003, sofreram particular incremento nos seis anos seguintes, chegando a 4,62% em 2009 (Gráfico 2).

Gráfico 2 – Brasil: Participação na População – 1872 a 2009



Fonte: CPS/FGV a partir do processamento de dados publicados e microdados do IBGE 1872- 2009

1.2 Objetivos

Exploramos aqui dados inéditos sobre o mapa das religiões no Brasil. O levantamento aponta a evolução recente das diferentes crenças para os diversos grupos sócio-demográficos e geográficos brasileiros. O objetivo é oferecer levantamento estatístico atualizado sobre a presença de diferentes religiões no país.

Foram processados microdados da POF/IBGE inexplorados com mais de 200 mil entrevistas para cada ano sobre composição religiosa no final e no início da década passada

que ainda não foram usados em pesquisas sobre religiosidade no país para responder perguntas diversas: ‘Qual foi a mudança das diferentes religiões? Quais são os estados mais e menos católicos? E o número de pessoas sem religião? Qual a religião com maior peso na nova classe média brasileira e entre os pobres? Que religião os jovens estão seguindo? As mulheres ainda são mais religiosas que os homens? Quais são as denominações mais femininas? Qual é o ranking aberto de religiões no país? Qual a porcentagem de renda apropriada por cada grupo religioso?’

O “Novo Mapa das Religiões” ainda traça um panorama de longo prazo da diversidade religiosa brasileira, analisando a evolução das diferentes crenças desde o final do século XIX. Oferecemos ainda novos dados comparados entre 156 países sobre a frequência em atividades religiosas e sobre a importância da religião percebida em diferentes nações.

2 A Maior Economia Católica?

O Brasil não só é o país com o maior contingente de católicos do mundo como é o emergente católico dos BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e, agora, África do Sul). Dentre os 27 estados da União Europeia em crise, o grupo dos PIIGS (Portugal, Irlanda, Itália, Grécia e Espanha) é essencialmente católico. Como reflexo do estado da economia, em Madrid ocorreu uma série de protestos contra os custos da jornada. Se Max Weber estivesse vivo, talvez visse na crise econômica atual a confirmação de sua tese sobre a aderência da ética protestante ao espírito do capitalismo, publicada nos idos do século XX.²

A França, a maior economia católica do mundo, passou por um ataque especulativo na origem da instabilidade financeira atual. O Produto Interno Bruto – PIB do Brasil ultrapassou no final de 2011 o do Reino Unido e irá, segundo previsões do Fundo Monetário Internacional – FMI, ultrapassar até 2015 o PIB da França para se tornar também o maior produto interno bruto predominantemente católico do mundo. Agora, para que a renda nas mãos dos católicos suba ao topo a esse ponto, a economia brasileira terá de andar mais rápido do que a queda do catolicismo no país.

² Em termos substantivos, aplicamos ao contexto brasileiro recente análises inspiradas no trabalho seminal de Max Weber – A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo, que aborda as correlações entre crenças e mobilidade social através de elementos como educação, trabalho, renda e valores sociais. Detalhamos mais nossa visão a respeito dessa aplicação na seção 8 deste artigo.

Seria o Brasil dos idos do século XXI uma exceção à tese weberiana? Como está o catolicismo no país hoje? O catolicismo seguia longa e lenta queda histórica desde os primeiros registros censitários brasileiros de 1872, quando atingia 99,72% da população livre, caindo a taxas aceleradas nos anos 1980 e 1990 – respectivamente, a taxas de 0,5 e 1 ponto percentual por ano –, reduzindo-se de 89% em 1980 para 83,3% em 1991 e, depois, para 73,89% em 2000.

O Censo do IBGE é, tradicionalmente, a base de dados usada nos diversos estudos acerca da religiosidade do brasileiro, mas as estatísticas religiosas do Censo 2010 ainda não estão prontas. Nosso estudo baseado na POF do IBGE demonstrou que a proporção de católicos no Brasil havia parado de cair, mantendo-se em 73,79% em 2003. A estabilização católica se deu em todas as faixas etárias.

De 2003 até 2009, as bases ibgeanas não tocaram na religiosidade brasileira. O processamento dos microdados da POF 2009 demonstra a volta da queda do catolicismo no Brasil, a um ritmo acelerado, próximo ao da década de 1990 e quase 10 vezes mais rápido que a queda secular entre 1872 e 1980. Chegamos, em 2009, à menor participação, estatisticamente documentada, de adeptos do catolicismo de nossa história: 68,43%, correspondendo a 130 milhões de brasileiros. Apesar de mais presente entre os pobres (72,8% na classe E – os pobres com renda per capita de R\$151,00 mensais), o catolicismo é também mais alto na elite (69,1% nas classes AB – renda total mensal de R\$7.000,00), fazendo com que a parcela católica na população seja menor que na renda, 68,7% (R\$ 1,3 trilhão anual).

Se olharmos para dentro do Brasil no período recente, as exceções à tese weberiana de inadequação do catolicismo ao crescimento capitalista são nossa regra. Dentre as 27 unidades da Federação, os mais católicos são os nordestinos, com 74,9% de sua população. Esses estados estão crescendo mais do que os demais. De 2001 a 2009, a renda do Nordeste cresceu 41,8% contra 15,8% no Sudeste, a região menos católica, com 64,3% de sua população.

Indo aos níveis subestaduais, de 2001 a 2008, a capital brasileira onde a renda mais cresceu foi Teresina, com 56,2%, e a periferia das grandes metrópoles, isto é, contando todos os municípios da metrópole menos a capital, onde a renda mais cresceu foi na periferia da Grande Fortaleza. Em suas respectivas categorias geográficas, isto é, capital

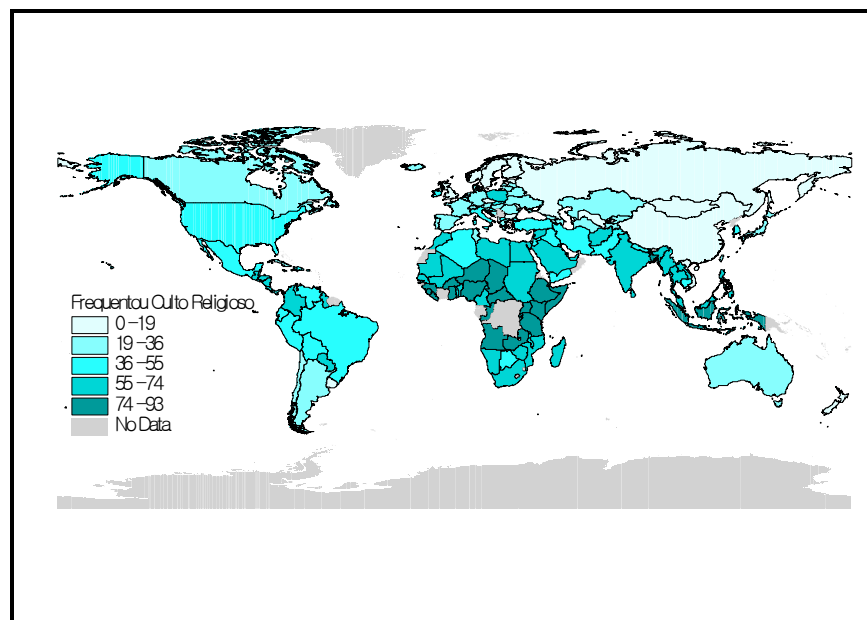
dos estados e periferia metropolitana, as primeiras são as mais católicas do país com 80,7% e 74,3%, respectivamente. Ou seja, a economia cresce onde o catolicismo ainda viceja.

3 Comparações Internacionais

3.1 Meio do mundo na prática religiosa

Independentemente do credo, qual é a importância da religiosidade no Brasil *vis-à-vis* outras nações? Em termos de religiosidade ativa, o Brasil está exatamente no meio do *ranking* global de 156 países, com 50% de sua população frequentando cultos religiosos de qualquer credo.

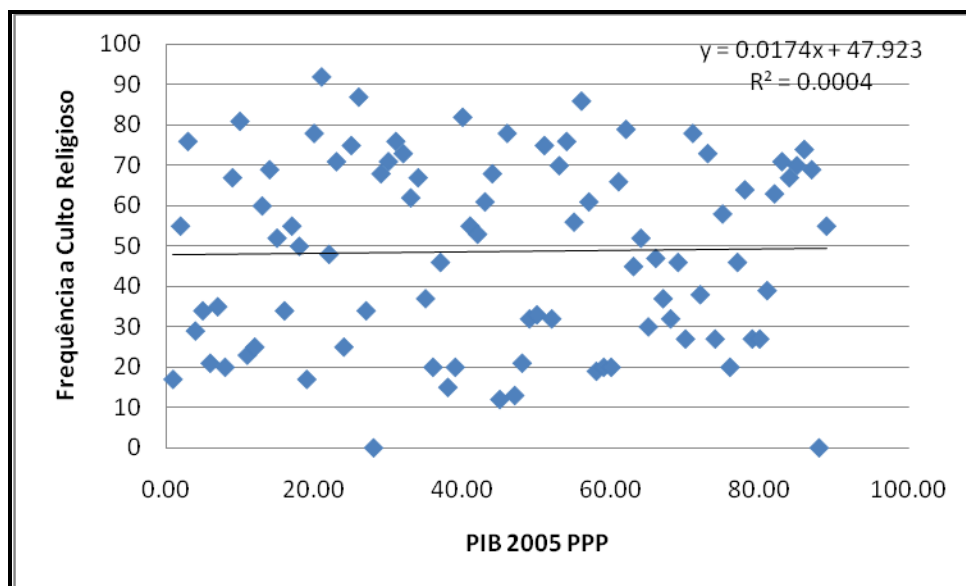
Figura 1 - Frequência a Cultos Religiosos



Fonte: CPS/FGV a partir do Gallup World Poll 2010

Neste aspecto não existe qualquer correlação entre frequência a cultos religiosos e nível de renda.

Gráfico 3 - PIB Per Capita - PPP e Frequência a Cultos Religiosos



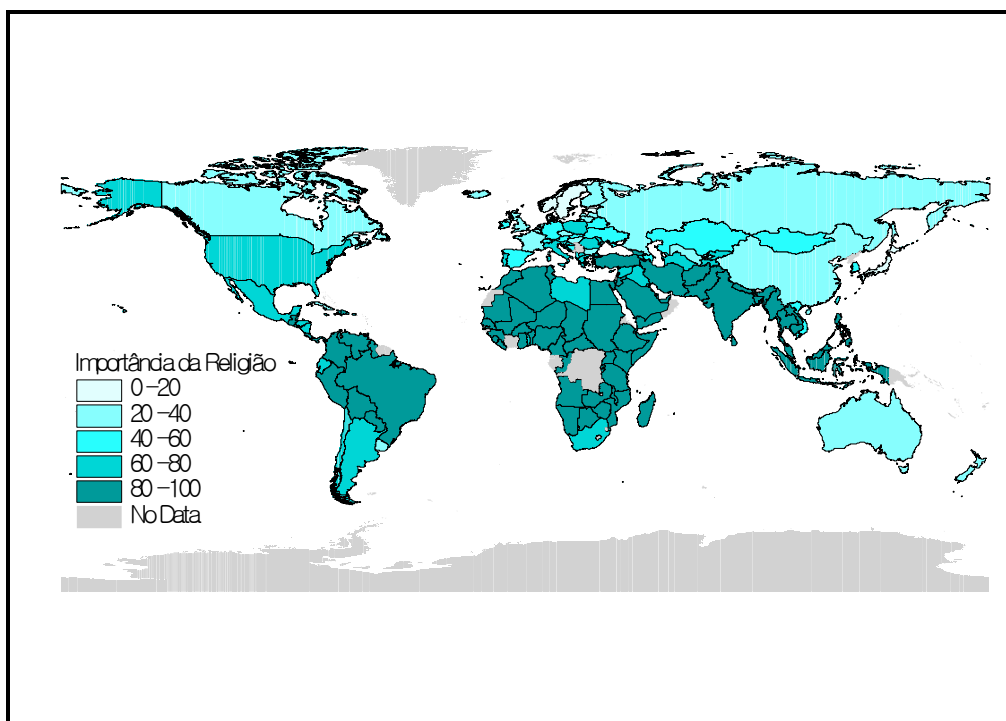
Fonte: Cps/FGV a partir do Gallup World Poll 2010

A frequência a cultos religiosos no Brasil é maior entre as mulheres (57%) do que os homens (44%) e entre as pessoas de idade mais avançada (58% com mais de 50 anos) do que os jovens (41% entre 15 e 24 anos).

3.2 A Importância da Religião

Ainda na comparação das nações, o Brasil está em 60º lugar com 89% de sua população concordando que a religião é importante. Note-se na Figura 5 que o Brasil está no grupo de países do Sul, em geral de renda mais baixa, como África, Sudeste Asiático e vizinhos latino-americanos (fora Argentina, Chile, Equador e Uruguai). Em suma, em países mais pobres, a religião parece mais fundamental.

Figura 2 - Importância da Religião



Fonte: CPS/FGV a partir do Gallup World Poll 2010

Religião é um produto de exportação brasileiro, menos pela presença da Teologia da Libertação católica e mais pela presença de grupos de evangélicos pentecostais em outros países. Nos últimos anos, tive a experiência de ver programas de TV evangélicos brasileiros durante a madrugada em países tão distintos como Índia, México e Nicarágua.

A exemplo da assiduidade aos cultos, a importância dada à religião no Brasil também é maior entre as mulheres (93%) do que os homens (85%). Assim como entre as pessoas de idade mais avançada (91% com mais de 50 anos) do que os jovens (83% entre 15 e 24 anos). Esses dois dados refletem o fato de que nos grupos mais adeptos a religiões, como mulheres e idosos, seus respectivos adeptos também conferem maior importância a essas atividades, assim como são mais assíduos nas cerimônias religiosas.

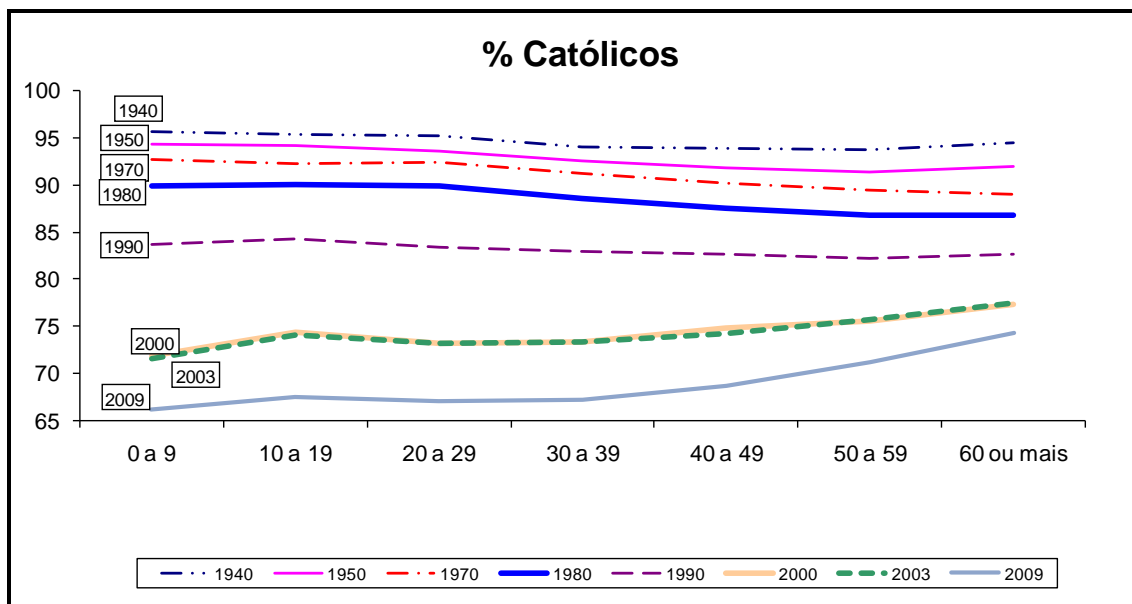
4 Religiões no Ciclo da Vida

Apresentamos a seguir análise sucinta das correlações entre variáveis sociodemográficas, como sexo e idade, e escolhas religiosas. Essas variáveis são de fundamental importância para a previsão das tendências religiosas do futuro.

4.1 Idade

A interrupção da queda católica entre 2000 e 2003 é visível nas séries para todos os grupos etários - as curvas dos dois anos, de tão sobrepostas, parecem idênticas. Agora, quando analisamos o que houve de lá para cá, ou seja, a evolução recente entre 2003 e 2009, observamos queda na proporção de católicos em todas as faixas etárias. Essa mudança foi menor para os grupos com idade mais avançada (a taxa cai de 77,53% para 74,24% no grupo acima de 60 anos), enquanto nas faixas mais jovens a queda foi maior (a taxa cai de 75,22% para 67,49% na faixa de 15 a 19 anos de idade). Se voltarmos a 1991, os grupos mais jovens, por exemplo, de 15 a 19 anos (84,66%), eram mais católicos do que aqueles com mais de 60 anos (82,83%), e hoje ocorre o oposto. Isto é, mesmo presente em todos os grupos, a queda do catolicismo é maior entre os jovens, o público-alvo da Jornada Mundial da Juventude que será realizada em 2013 no Rio de Janeiro.

Gráfico 4 - % Católicos



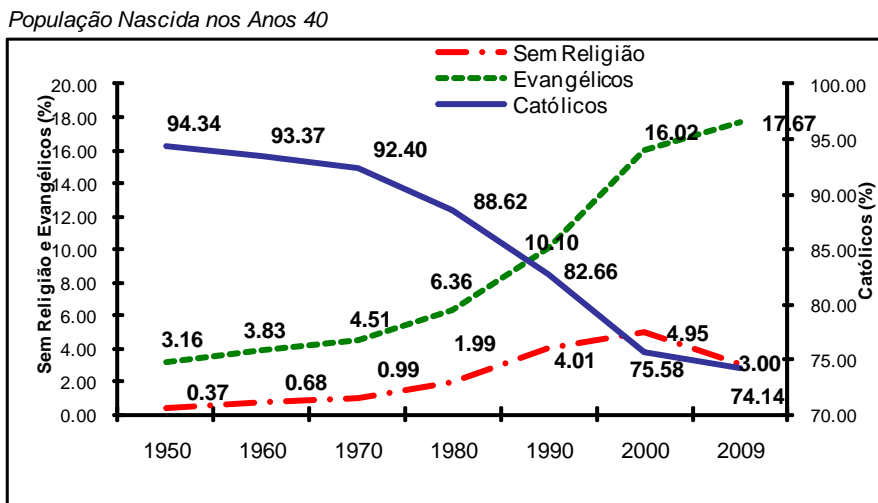
Fonte: CPS/FGV a partir do processamento de dados publicados e microdados do IBGE 1940-2009

4.2 Geração

Tão interessante quanto comparar pessoas em idades diferentes em um mesmo ano, ou pessoas com a mesma idade em anos diferentes, é acompanhar a trajetória religiosa de cada geração desde seus primórdios. Isto é, a partir de diversas “fotos” estatísticas, estamos acompanhando o filme da vida de cada geração. O gráfico, senão vejamos: a taxa de participação dos sem religião entre os sessentões de 2010 era 3% em 2009, o último ano. Olhando essa geração em 2000, quando as pessoas tinham entre 50 e 59 anos, a falta de religiosidade atingia 4,95%, contra 1,99% em 1980, quando a geração tinha entre 30 a 39 anos, e 0,37% em 1950, quando tinha entre 0 e 9 anos de idade. Ou seja, a taxa da não religião estava, em geral, aumentando ao longo do ciclo de vida dessa geração (com exceção do último período). Essas informações são consistentes com a ideia de que as pessoas se tornam mais religiosas à medida que se aproximam do final de suas vidas.

Analisando os dois maiores grupos religiosos sob a perspectiva geracional, percebemos a queda do catolicismo pelas linhas inclinadas para baixo. Analisando a geração anterior, ou seja, nascidos na década de 1940, encontramos os seguintes índices: a taxa passa de 94,34% em 1940 (quando tinham entre 0 e 9 anos de idade) para 88,62% em 1980 (entre 30 e 39 anos de idade), 75,58% em 2000 (cinquentões) e 74,14% em 2009 (referente àqueles com mais de 60 anos). O grupo de evangélicos caminha em direção contrária.

Gráfico 5 – Evolução das Crenças no Brasil – 1940 a 2009
Evolução das Crenças no Brasil - 1940 a 2009



Fonte: CPS/FGV a partir do processamento de dados publicados e microdados do IBGE 1950-2009

5 Gênero

5.1 Denominações Religiosas Desagregadas

O movimento do “caldeirão” de crenças brasileiras tende a diluir o catolicismo. As mulheres são mais religiosas do que os homens: 5% das mulheres não professam nenhuma religião, contra 8,52% dos homens. Mas, hoje, elas são menos católicas do que eles: entre os que possuem religião, a proporção de católicos é 75,3% entre eles e 71,3% entre elas. Enquanto os homens abandonaram as crenças, as mulheres trocaram de crença, preservando mais do que eles a religiosidade. O catolicismo é patriarcal, já a religiosidade é mais feminina do que masculina, sendo passada da mãe às filhas e aos filhos. As gestantes são menos católicas do que as demais mulheres, conforme observado nos microdados da POF. Talvez por isso, como vimos, a infância e a juventude brasileira de hoje, retrato do futuro, sejam menos católicas que as demais faixas etárias.

Num grupo de 25 religiões consideradas abaixo, a predominância relativa das mulheres se dá em 23 delas, segundo a POF 2009. As exceções são dois segmentos do catolicismo: Católica Apostólica Romana e Católica Apostólica Brasileira. Apresentamos na Tabela 1 o *ranking* das religiões mais populares no Brasil em relação ao total da população, para homens e para mulheres. Os dados das demais religiões podem ser encontrados no anexo da pesquisa completa (NERI, 2011), publicado na página da Fundação Getúlio Vargas.

Tabela 1 - Participação Religiosa Total e por Gênero %

Religiões	Total		Homens		Mulheres	
Católica Apostólica Romana	1	67.84	1	68.32	1	67.38
Igreja Evangélica Assembléia de Deus	2	5.77	2	5.27	2	6.25
Evangélica Sem Vínculo Institucional	3	2.54	3	2.51	3	2.56
Igreja Evangélica Batista	4	2.03	4	1.79	4	2.25
Espírita, Kardecista	5	1.59	6	1.29	5	1.88
Igreja Congregacional Cristã do Brasil	6	1.49	5	1.40	6	1.58
Outras Igrejas Evangélicas Pentecostais	7	1.26	8	1.12	7	1.40
Igreja Universal do Reino de Deus	8	1.05	9	0.81	8	1.27
Religiosidade Não Determinada /Mal Definida	9	1.03	7	1.19	10	0.89
Igreja Evangelho Quadrangular	10	0.89	11	0.75	9	1.03
Igreja Evangélica Adventista do Sétimo Dia	11	0.81	10	0.76	11	0.87
Testemunha de Jeová	12	0.67	12	0.57	12	0.77
Igreja Evangélica Pentecostal Deus é Amor	13	0.55	15	0.43	13	0.66
Igrejas Luteranas	14	0.54	13	0.53	15	0.54
Igreja Evangélica Comunidade Evangélica	15	0.48	16	0.40	14	0.56
Católica Apostólica Brasileira	16	0.47	14	0.48	16	0.47
Igreja Evangélica Presbiteriana	17	0.36	17	0.34	18	0.37
Outros Evangélicos	18	0.32	18	0.26	17	0.38
Religiosidade Cristã Sem Vínculo Institucional	19	0.30	19	0.26	19	0.33
Evangélica Pentecostal Sem Vínculo Institucional	20	0.27	20	0.24	20	0.31
Umbanda	21	0.21	21	0.17	21	0.25
Igreja Evangélica Pentecostal Maranata	22	0.21	22	0.17	22	0.25
Igreja Evangélica Metodista	23	0.16	24	0.15	23	0.17
Igreja Assembléia de Deus Madureira	24	0.15	27	0.13	24	0.16
Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias / Mormons	25	0.14	25	0.14	25	0.14

Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados da POF 2008-2009/IBGE

5.2 Revolução Feminina e Religiosidade

A intuição de que as mulheres são (ou eram) mais católicas do que os homens é corroborada pelos dados. Como dissemos, a análise da evolução do acervo de variáveis socioeconômicas e demográficas brasileiras revela que poucas mudaram tanto quanto a escolha religiosa. Talvez o maior rival da transformação religiosa supracitada, em magnitude, sejam as mudanças ocorridas na vida das mulheres, tais como a participação da mulher no mercado de trabalho, nos bancos escolares e nas casas. Como essas mudanças

foram acompanhadas nas igrejas e nos hábitos religiosos domésticos? Começamos nossa análise de transformação religiosa pelo tema da revolução feminina dos últimos 35 anos, que encerra componentes de costumes e crenças e de inserção econômica para uma divisão simples da sociedade em duas partes. Isso permite fornecer ao leitor uma visão panorâmica do tipo de abordagem perseguida ao longo do resto do texto para outros temas.

Há uma associação entre mudança de religião e a chamada revolução feminina, em particular a ascensão econômica feminina. As mulheres são, hoje, assim como historicamente, mais religiosas do que os homens: 5% delas não possuem crença, contra 8,52% deles. Em 1940, essas taxas de mulheres e homens eram de 0,17% e 0,25%, respectivamente.

Tabela 2 – Gênero e Mudanças nos Grandes Grupos Religiosos em %

Categoria	Ano	Todos	Sem Religião	Católico	Evangélica Pentecostal	Evangélica (Outras)	Espiritualista	Outras
Masculino	1991	100	5,65	83,97	4,99	3,61	0,97	0,8
	2000	100	9,02	74,37	9,74	3,95	1,12	1,26
	2009	100	8,52	68,92	11,28	6,97	1,33	2,89
Feminino	1991	100	3,87	83,31	6,17	4,38	1,27	0,99
	2000	100	5,74	73,44	12,22	4,86	1,56	1,52
	2009	100	5	67,96	14,17	7,94	1,96	2,89

Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados do Censo 1991 e 2000 e da POF 2009

Apesar de menos religiosos, eles são hoje mais católicos do que elas, invertendo a relação observada 70 anos atrás. Ou seja, os homens migraram mais para não religiosidade nesse longo período de tempo e as mulheres para religiões alternativas. Isso já pode ser visto há algum tempo. Hoje, entre quem professa algum credo, isto é, retirando os/as sem religião da amostra, 71,6% das mulheres são católicas contra 75,4% dos homens. Mas, em 1940, a ordenação dessas taxas entre sexos era invertida, correspondendo a 96% e 95%, respectivamente. Em suma, hoje (e em 1940) as mulheres são mais religiosas que os homens, mas os homens são mais católicos que as mulheres.

Por que as mulheres optam hoje mais intensamente que os homens por crenças alternativas ao catolicismo dominante? Tal como em **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**, de Max Weber, poderíamos observar afinidades eletivas entre as inovações nas escolhas e as estruturas religiosas, de um lado, e as mudanças sociais e econômicas das

mulheres, de outro. A tese weberiana original é de que a ética - culpa - católica inibiria a acumulação de capital e a divisão do trabalho, motores do desenvolvimento capitalista. Similarmente, a ética católica estaria sendo trocada por outras mais em linha com a emancipação feminina em curso. A taxa de adesão a religiões alternativas ao catolicismo em 2009 é: (i) a de evangélicos pentecostais é de 14,17% (contra 11,28% dos homens); (ii) a de outros evangélicos é de 7,94% (contra 6,97% dos homens); e (iii) a de demais religiões é de 4,85% (contra 4,22% dos homens)³.

Questões centrais para as mulheres de hoje, como contracepção, divórcio e aborto, são tabus para a Igreja Católica, que tampouco incentivou sua conquista profissional. A independência feminina conquistada nas últimas décadas foi acompanhada por uma revolução de costumes. Enquanto os homens abandonaram as crenças, as mulheres trocaram de crença, preservando mais do que eles a religiosidade. O catolicismo é patriarcal, já a religiosidade é mais feminina tanto na associação captada pelas pesquisas aqui analisadas como na assiduidade (57% delas frequentam cultos religiosos em geral, contra 44% deles).

6 Religião e Economia

6.1 Um pouco de Max Weber

Max Weber e seu seminal **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**, que celebrou recentemente um século da sua primeira edição, de 1905, constituem a referência da literatura da ligação entre religião e economia. Weber procura explicar o maior desenvolvimento capitalista nos países de confissão protestante nos séculos XIX e a maior proporção de protestantes entre empresários e a mão de obra mais qualificada. A tese de Weber era de que o estilo de vida católico jogava para outra vida a conquista da felicidade. A culpa católica inibiria a acumulação de capital e a lógica da divisão do trabalho, motores fundamentais do desenvolvimento capitalista. A predisposição ao trabalho mundano e ao estudo também não seriam vantagens comparativas da ética católica. Recorrendo a um ditado da época: “entre bem comer ou bem dormir, há que escolher”, segundo Weber, “o

³ Os preceitos das igrejas pentecostais não valorizam uma atuação moderna da mulher, mas de qualquer forma dialogam com a questão, de modo diferente da religião católica.

protestante quer comer bem enquanto o católico quer dormir sossegado”. Weber ressalta a importância da reforma protestante no desenvolvimento capitalista não como um esquema causal, mas como um sistema de adoção de afinidades eletivas entre as inovações nas estruturas religiosas e econômicas.

Será a tese weberiana aderente ao contexto brasileiro? Em primeiro lugar, a parcela de empregadores está sub-representada nas religiões emergentes: 5,9% dos sem religião e 11,3% dos evangélicos contra 7,4% e 16,2% da participação dessas religiões na população. Em segundo lugar, tomemos o exemplo citado pelo autor de maior adesão em Baden durante 1895 ao Ensino Superior pelas novas crenças protestantes de então. No caso brasileiro contemporâneo, as crenças emergentes possuem uma menor presença na população com pelo menos Ensino Superior incompleto (população total): 6,5% nos sem religião e 10,3% nos evangélicos. Cabe lembrar o papel da educação como o principal determinante observável dos diferenciais de renda brasileiros. Finalmente, comparamos o rendimento de pessoas de diferentes religiões, mas iguais atributos socioeconômicos⁴. Esse exercício revela que a renda familiar per capita de evangélicos e sem religião são 6,9% e 6%, respectivamente, níveis inferiores aos dos católicos. Similarmente, os diferenciais da renda do trabalho principal são 2,6% e 1% menores, também contradizendo a mera transposição da hipótese weberiana ao contexto tupiniquim atual.

6.2 Nível de Escolaridade

A religiosidade é menor nos grupos extremos do espectro educacional, sendo 7,27% na cauda inferior (aqueles com até 3 anos de estudos) e 7,46% na superior (para os que possuem 12 anos ou mais). Na adesão às diferentes denominações, o catolicismo, assim como o grupo de evangélicos pentecostais, está relativamente mais presente entre os menos educados: para aqueles que possuem até 7 anos de estudos, as taxas de adesão a estas são 69,83% e 13,63%, respectivamente. Diferente das denominações pentecostais, as evangélicas tradicionais se destacam nos níveis mais altos de educação (8,7% para aqueles com mais de 8 anos de estudo). A escolha por outras religiões também é mais presente no

⁴ Ai incluímos sexo, cor, unidade da Federação, seis tamanhos de cidade e polinômios para idade e educação.

extremo mais alto de educação - 10,23% dos que têm 12 anos de estudo são adeptos a outras denominações (sendo 6,04% adeptos ao espiritualismo).

Tabela 3 – Faixas de Escolaridade e Escolhas Religiosas

Anos de estudo	Sem religião	Católicos	Evangélica Pentecostal	Outras Evangélicas	Espiritualista	Outras Agregadas (Inclui Afro, Orientais e Outras)	Sem Inf.
Sem instrução ou até 3 anos	7.27%	69.95%	13.62%	6.18%	0.59%	2.27%	0.12%
4 a 7	5.90%	69.68%	13.63%	7.26%	0.88%	2.61%	0.04%
8 a 11	6.51%	66.30%	13.01%	8.70%	2.01%	3.40%	0.07%
12 ou mais	7.46%	66.90%	6.70%	8.62%	6.04%	4.19%	0.09%

Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados da POF 2009/IBGE

Apresentamos a seguir uma visão mais detalhada em termos educacionais sobre a adesão às diferentes religiões. O dado que salta mais aos olhos é a alta presença de pessoas com Mestrado e Doutorado sem religião, chamados, nesse caso, de agnósticos.

Tabela 4 - Escolaridade e Escolhas Religiosas

Escolaridade	Sem religião	Católicos	Evangélica Pentecostal	Outras Evangélicas	Espiritualista	Outras Agregadas (Inclui Afro, Orientais e Outras)	Sem Info
Sem Instrução	9.94%	69.21%	12.56%	5.45%	0.53%	1.99%	0.31%
Creche	10.46%	61.73%	16.27%	8.27%	1.05%	2.17%	0.05%
Pré-Escolar	8.17%	65.28%	13.86%	8.48%	1.11%	3.09%	0.02%
Classe de Alfabetização de crianças	8.78%	65.72%	13.41%	8.73%	0.28%	3.09%	0.00%
Alfabetização de adultos	2.13%	79.12%	12.47%	4.20%	0.26%	1.69%	0.13%
Ensino fundamental	5.86%	70.01%	13.58%	6.91%	0.96%	2.64%	0.04%
Ensino médio	6.65%	65.86%	13.42%	8.79%	1.87%	3.33%	0.08%
Tecnologia	5.04%	65.47%	10.93%	5.53%	3.47%	9.42%	0.14%
Pré-Vestibular	5.49%	64.60%	14.76%	9.11%	4.74%	1.30%	0.00%
Superior	7.19%	66.12%	7.26%	9.64%	5.70%	4.01%	0.08%
Especialização superior	7.33%	69.77%	4.20%	7.47%	6.95%	4.11%	0.17%
Mestrado ou doutorado	17.40%	60.81%	5.01%	5.63%	6.96%	4.19%	0.00%

Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados da POF 2009/IBGE

6.3 Classes Econômicas

6.3.1 Grandes grupos religiosos

Os dados de classes econômicas mostram a classe E como a menos religiosa de todas (7,72% não possuem religião). A taxa de ateísmo é menor nas classes intermediárias, atingindo o seu menor nível na classe C, onde 5,73% da população não possui religião, e sobe para 6,91% na AB. Na faixa mais alta, os sem religião se denominam agnósticos.

Analisando agora a economia das religiões a partir da adesão às diferentes denominações religiosas: o catolicismo se faz mais presente nos níveis extremos do espectro de renda (72,76% e 69,07% nas classes E e AB, respectivamente), enquanto que as denominações evangélicas pentecostais atingem os níveis intermediários inferiores da distribuição de renda, sendo 15,34%, na classe D, ou 2,4 vezes mais do que na AB (6,29%).

Tabela 5 – Classes Econômicas e Escolhas Religiosas - 2009

2009	Sem religião	Católicos	Evangélica Pentecostal	Outras Evangélicas	Espiritualista	Outras Agregadas (Afro, Orientais e Outras)	Ignorado	Afro-brasileira	Orientais ou Asiáticas	Outras
Total	6.72%	68.43%	12.76%	7.47%	1.65%	2.89%	0.08%	0.35%	0.31%	2.23%
Classe Econômica										
Classe E	7.72%	72.76%	12.51%	4.69%	0.33%	1.91%	0.06%	0.16%	0.05%	1.70%
Classe D	7.64%	66.81%	15.34%	6.95%	0.70%	2.48%	0.08%	0.32%	0.07%	2.09%
Classe C	5.73%	67.41%	12.84%	8.72%	1.88%	3.35%	0.07%	0.41%	0.36%	2.58%
Classe AB	6.91%	69.07%	6.29%	8.35%	5.52%	3.73%	0.12%	0.48%	1.23%	2.02%

Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados da POF/IBGE 2009

Tabela 6 - Classes Econômicas e Escolhas Religiosas - 2003

2003	Sem religião	Católicos	Evangélica Pentecostal	Outras Evangélicas	Espiritualista	Outras Agregadas (Afro, Orientais e Outras)	Ignorado	Afro-brasileira	Orientais ou Asiáticas	OUTRAS
Total	5.13%	73.79%	12.49%	5.39%	1.50%	1.56%	0.15%	0.23%	0.30%	1.03%
Classe social										
Classe E	6.29%	76.85%	12.32%	3.16%	0.26%	0.96%	0.14%	0.23%	0.03%	0.70%
Classe D	5.06%	72.24%	14.98%	5.83%	0.54%	1.09%	0.25%	0.14%	0.09%	0.86%
Classe C	4.04%	72.51%	12.27%	6.79%	2.16%	2.15%	0.08%	0.24%	0.50%	1.41%
Classe AB	6.19%	74.14%	5.58%	5.39%	6.06%	2.54%	0.10%	0.47%	1.07%	1.00%

Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados da POF/IBGE 2003

A tabela mostra que os evangélicos tradicionais estão mais concentrados na faixa AB (8,35%) C (8,72%), e tendem a diminuir à medida que andamos desta classe em direção aos níveis mais baixos de renda, atingindo 4,69% na classe E.

Finalmente, a taxa de adesão a outras religiões cai monotonicamente de 9,25% na classe AB para 2,24% na E. Formas religiosas espíritas ou espiritualistas chegam a 5,52% da população na classe AB, sendo o segundo grupo nesse segmento, atrás dos católicos. Esses dados, tomados a valor de face, indicam que pertencer a uma religião alternativa corresponde a consumir um serviço de luxo. A fim de permitir uma análise mais detalhada das classes econômicas e religião, abrimos as 60 denominações mais importantes por classe de renda.

6.3.2 Classes Econômicas e Denominações Religiosas Desagregadas

Olhando os dados de forma diferente, procurando detalhar, buscamos aqui as classes mais importantes nas diferentes denominações religiosas. Senão vejamos: entre os sem religião, a classe E sobressai como a mais importante (7,72% dos pobres não possuem religião), seguida do topo da distribuição da classe AB (6,91% na AB). Entre os Católicos Apostólicos Romanos os pontos mais altos também estão nos extremos da distribuição de

renda, sendo 72,37% dos pobres e 68,58% nas classes AB. A classe econômica mais importante para a segunda denominação mais importante, a Assembleia de Deus, pertencente aos evangélicos pentecostais, é a classe D (8,09%), seguida dos pobres. Já a denominação Batista, pertencente às evangélicas tradicionais ou de missão, encontra-se mais concentrada na nova classe média (classe C, 3,51%), e na classe AB (2,66%) diminuindo nos níveis mais baixos de renda. Finalmente, a taxa de adesão da religião Espírita sobe monotonicamente com a renda (de 0,31% na classe E para 5,25% na classe AB, correspondendo à segunda corrente religiosa isolada nessa faixa econômica).

7 Mapas das Religiões

7.1 Católicos e os Sem Religião

O Papa Bento XVI anunciou em Madrid, durante a Jornada Mundial da Juventude, o Rio de Janeiro como sede para a próxima edição do evento, em 2013. A visita do Papa ao Brasil abrirá a sequência de megaeventos internacionais sediados pela cidade maravilhosa. Realizamos aqui, a título de ilustração, breve análise focada no estado do Rio de Janeiro, no município do Rio de Janeiro e na periferia do Grande Rio. A Tabela 7 apresenta *ranking*, por unidades da Federação, entre os “sem religião” e os católicos, em dados de 2009.

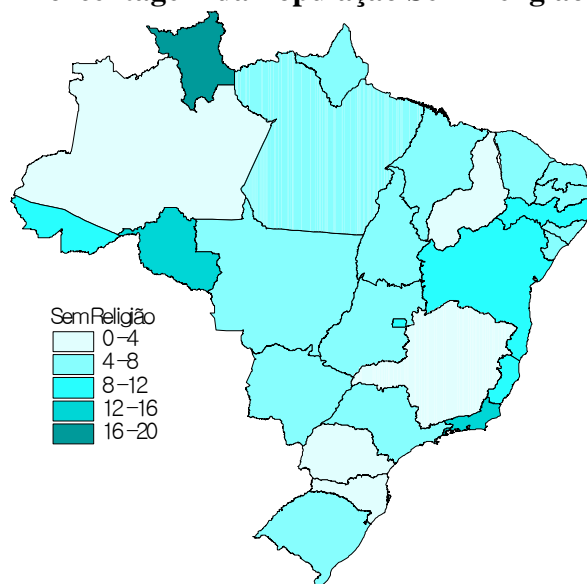
Tabela 7 – Unidades da Federação e Escolhas Religiosas – 2009

Rankings	Sem religião	Rankings	Católicos
UF		UF	
1 Roraima	19.39%	1 Piauí	87.93%
2 Rio de Janeiro	15.95%	2 Ceará	81.08%
3 Rondônia	13.54%	3 Paraíba	80.25%
4 Acre	10.82%	4 Sergipe	79.96%
5 Pernambuco	10.60%	5 Maranhão	78.04%
6 Espírito Santo	10.18%	6 Alagoas	77.10%
7 Distrito Federal	10.01%	7 Santa Catarina	75.88%
8 Bahia	9.00%	8 Rio Grande do Norte	73.98%
9 Alagoas	7.85%	9 Minas Gerais	73.32%
10 Rio Grande do Norte	6.86%	10 Bahia	71.39%
11 Pará	6.67%	11 Rio Grande do Sul	71.37%
12 Mato Grosso do Sul	6.07%	12 Amapá	70.89%
13 São Paulo	5.99%	13 Mato Grosso	70.63%
14 Sergipe	5.58%	14 Tocantins	70.60%
15 Rio Grande do Sul	5.45%	15 Paraná	69.82%
16 Mato Grosso	5.42%	16 Amazonas	67.68%
17 Goiás	5.35%	17 Pará	66.55%
18 Tocantins	5.19%	18 São Paulo	66.12%
19 Amapá	5.16%	19 Goiás	65.42%
20 Maranhão	4.33%	20 Pernambuco	63.84%
21 Paraíba	4.30%	21 Mato Grosso do Sul	63.70%
22 Ceará	4.08%	22 Espírito Santo	57.04%
23 Paraná	3.56%	23 Distrito Federal	55.88%
24 Minas Gerais	3.55%	24 Rondônia	52.89%
25 Santa Catarina	3.41%	25 Acre	50.73%
26 Amazonas	2.94%	26 Rio de Janeiro	49.83%
27 Piauí	1.64%	27 Roraima	46.78%

Fonte: CPS a partir dos microdados da POF 2009/IBGE

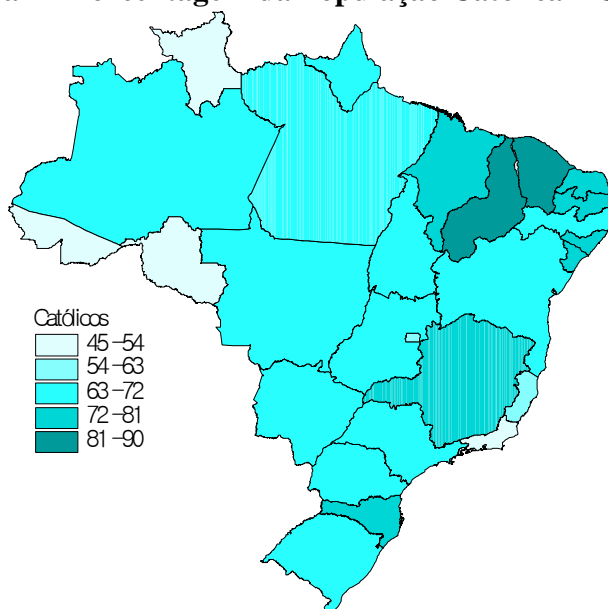
Menos da metade da população fluminense se diz católica (49,83%), a penúltima unidade da Federação apenas atrás de Roraima. Piauí era a mais católica das 27 UFs, com 87,93% de sua população. O estado do Rio de Janeiro é 2º no *ranking* da menor religiosidade, com 15,95% de sua população sem religião. Piauí ocupa o topo do *ranking* da religiosidade e Roraima, mais uma vez, encontra-se no extremo oposto.

Figura 3 - Porcentagem da População Sem Religião – UF 2009



Fonte: CPS a partir dos microdados da POF 2009/IBGE

Figura 4 - Porcentagem da População Católica – UF 2009



Fonte: CPS a partir dos microdados da POF 2009/IBGE

A periferia do Grande Rio se mostra não só a menos católica de todas as metrópoles brasileiras (40,02%), mas, também, a menos religiosa, com 23,68% de sua população não professando nenhuma crença. No outro extremo da religiosidade está a periferia de Porto Alegre, e do catolicismo, a periferia de Fortaleza.

Tabela 8 – Periferias Metropolitanas e Escolhas Religiosas – 2009

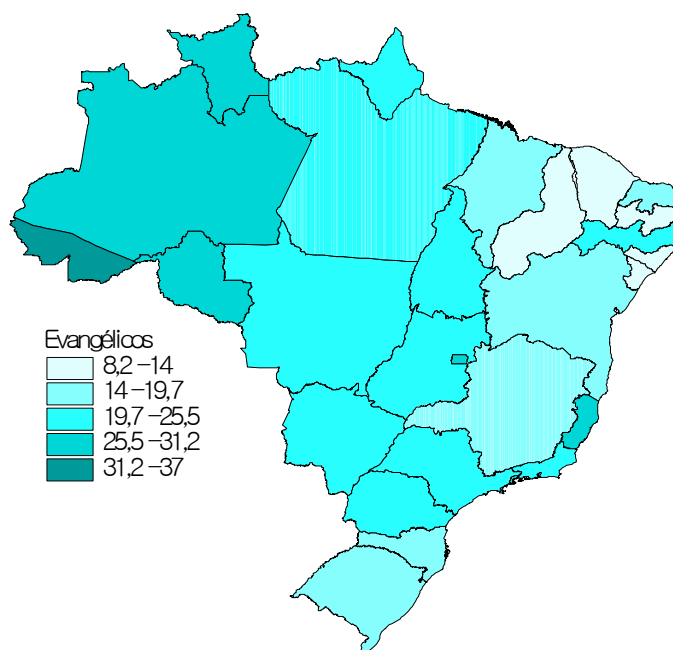
Rankings	Sem religião	Rankings	Católicos
Região Metropolitana (não capital)		Região Metropolitana (não capital)	
1 Periferia - Rio de Janeiro	23.68%	1 Periferia - Fortaleza	74.30%
2 Periferia - Recife	20.55%	2 Periferia - Porto Alegre	68.74%
3 Periferia - Salvador	13.21%	3 Periferia - Belém	65.46%
4 Periferia - São Paulo	8.57%	4 Periferia - São Paulo	61.26%
5 Periferia - Belo Horizonte	7.20%	5 Periferia - Belo Horizonte	57.23%
6 Periferia - Fortaleza	6.49%	6 Periferia - Curitiba	55.87%
7 Periferia - Belém	5.93%	7 Periferia - Salvador	52.00%
8 Periferia - Curitiba	5.37%	8 Periferia - Recife	45.75%
9 Periferia - Porto Alegre	3.35%	9 Periferia - Rio de Janeiro	40.02%

Fonte: CPS a partir dos microdados da POF 2009/IBGE

7.2 Evangélicos

O estado com a maior participação de evangélicos pentecostais é o Acre (24,18%) e nas demais denominações evangélicas, que incluem as tradicionais, o líder é o Espírito Santo (15,09%) seguido do Acre (12,46%). Dessa forma, o Acre possui a maior proporção do conjunto de denominações evangélicas entre estados, com 36,64% de sua população.

Figura 5 - Porcentagem da População Evangélica – UF 2009



Fonte: CPS a partir dos microdados da POF 2009/IBGE.

Tabela 9 - Unidades da Federação e Escolhas Religiosas – 2009

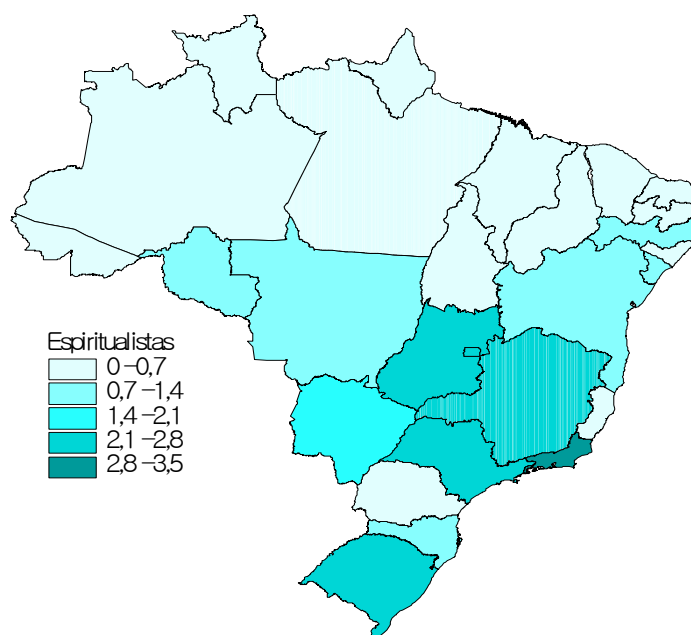
Rankings		Evangélica Pentecostal	Rankings		Outras Evangélicas
UF			UF		
1	Acre	24.18%	1	Espírito Santo	15.09%
2	Rondônia	19.75%	2	Acre	12.46%
3	Pará	19.41%	3	Amazonas	11.41%
4	Amapá	19.01%	4	Rondônia	11.13%
5	Distrito Federal	18.87%	5	Rio de Janeiro	10.66%
6	Roraima	18.28%	6	Mato Grosso do Sul	9.80%
7	Goiás	15.65%	7	Goiás	9.38%
8	Mato Grosso do Sul	15.52%	8	Paraná	8.93%
9	Tocantins	15.51%	9	Santa Catarina	8.75%
10	Espírito Santo	15.09%	10	Roraima	8.67%
11	Amazonas	15.09%	11	Distrito Federal	8.22%
12	Mato Grosso	14.95%	12	Rio Grande do Sul	8.20%
13	São Paulo	14.62%	13	Bahia	7.56%
14	Paraná	14.48%	14	Pernambuco	7.52%
15	Rio de Janeiro	14.18%	15	São Paulo	7.13%
16	Pernambuco	12.24%	16	Minas Gerais	6.77%
17	Minas Gerais	11.63%	17	Tocantins	6.45%
18	Maranhão	11.58%	18	Mato Grosso	6.38%
19	Rio Grande do Norte	11.34%	19	Sergipe	5.95%
20	Rio Grande do Sul	9.78%	20	Paraíba	5.54%
21	Santa Catarina	9.18%	21	Pará	5.51%
22	Ceará	9.17%	22	Maranhão	4.38%
23	Alagoas	8.63%	23	Amapá	4.38%
24	Bahia	8.44%	24	Rio Grande do Norte	4.27%
25	Paraíba	7.80%	25	Ceará	3.67%
26	Piauí	6.18%	26	Alagoas	3.45%
27	Sergipe	4.75%	27	Piauí	2.02%

Fonte: CPS a partir dos microdados da POF 2009/IBGE

7.3 Outras Religiões

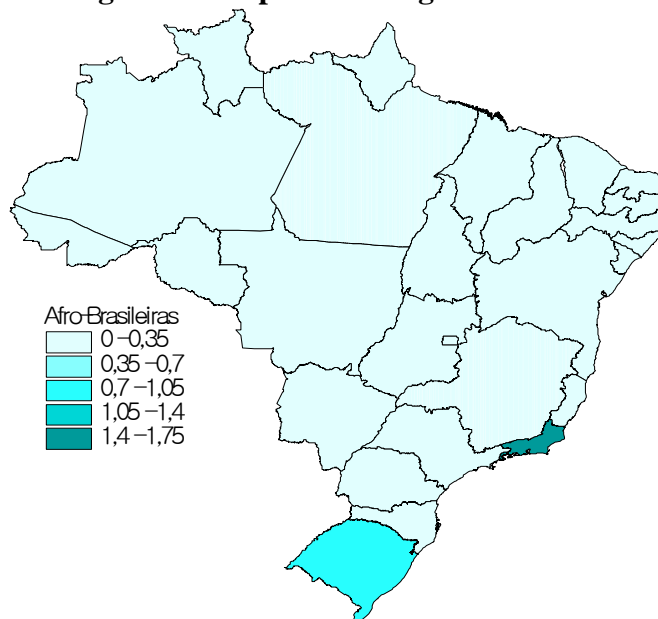
O Rio de Janeiro é o 5º estado nas evangélicas tradicionais e o 15º nas evangélicas pentecostais. O estado do Rio de Janeiro é recordista em religiões espíritas (3,37%) e também nas afro-brasileiras (1,61%), 2º (0,69%) nas religiões orientais, logo depois de São Paulo (0,78%), e 3º no conjunto das demais religiões (3,625), depois de Pernambuco (4,25%) e Roraima (6,17%).

Figura 6 - Porcentagem da População Espiritualista – UF 2009



Fonte: CPS a partir dos microdados da POF 2009/IBGE

Figura 7 - Porcentagem de Adeptos de Religiões Afro-Brasileiras – UF 2009



Fonte: CPS a partir dos microdados da POF 2009/IBGE

Tabela 10 - Unidades da Federação e Escolhas Religiosas – 2009

Rankings		Espiritualista	Rankings		Afro-brasileira
	UF			UF	
1	Rio de Janeiro	3.37%	1	Rio de Janeiro	1.61%
2	Rio Grande do Sul	2.84%	2	Rio Grande do Sul	0.94%
3	Distrito Federal	2.75%	3	São Paulo	0.42%
4	Goiás	2.72%	4	Bahia	0.33%
5	São Paulo	2.30%	5	Mato Grosso do Sul	0.26%
6	Minas Gerais	2.21%	6	Rondônia	0.20%
7	Mato Grosso do Sul	1.93%	7	Distrito Federal	0.16%
8	Pernambuco	1.34%	8	Maranhão	0.12%
9	Santa Catarina	1.27%	9	Pernambuco	0.11%
10	Sergipe	1.23%	10	Paraná	0.11%
11	Bahia	1.06%	11	Minas Gerais	0.10%
12	Rondônia	1.05%	12	Santa Catarina	0.08%
13	Mato Grosso	0.77%	13	Rio Grande do Norte	0.07%
14	Espírito Santo	0.72%	14	Alagoas	0.07%
15	Paraná	0.68%	15	Goiás	0.07%
16	Rio Grande do Norte	0.48%	16	Pará	0.06%
17	Pará	0.46%	17	Amazonas	0.06%
18	Tocantins	0.40%	18	Sergipe	0.06%
19	Alagoas	0.39%	19	Espírito Santo	0.05%
20	Ceará	0.38%	20	Acre	0.05%
21	Roraima	0.36%	21	Paraíba	0.05%
22	Paraíba	0.33%	22	Ceará	0.04%
23	Piauí	0.31%	23	Mato Grosso	0.03%
24	Acre	0.28%	24	Piauí	0.01%
25	Maranhão	0.18%	25	Roraima	0.00%
26	Amapá	0.12%	26	Amapá	0.00%
27	Amazonas	0.12%	27	Tocantins	0.00%

Fonte: CPS a partir dos microdados da POF 2009/IBGE

Tabela 11 - Unidades da Federação e Escolhas Religiosas – 2009

Rankings	Orientais ou Asiáticas	Rankings	Outras
UF		UF	
1 São Paulo	0.78%	1 Roraima	6.17%
2 Rio de Janeiro	0.69%	2 Pernambuco	4.25%
3 Distrito Federal	0.52%	3 Rio de Janeiro	3.62%
4 Mato Grosso do Sul	0.38%	4 Distrito Federal	3.57%
5 Paraná	0.34%	5 Rio Grande do Norte	2.93%
6 Roraima	0.33%	6 São Paulo	2.63%
7 Mato Grosso	0.28%	7 Amazonas	2.61%
8 Rio Grande do Sul	0.27%	8 Sergipe	2.38%
9 Piauí	0.18%	9 Mato Grosso do Sul	2.25%
10 Santa Catarina	0.12%	10 Minas Gerais	2.10%
11 Minas Gerais	0.12%	11 Paraná	2.05%
12 Amapá	0.11%	12 Bahia	1.98%
13 Pará	0.10%	13 Alagoas	1.93%
14 Amazonas	0.08%	14 Tocantins	1.83%
15 Bahia	0.08%	15 Paraíba	1.74%
16 Acre	0.08%	16 Piauí	1.72%
17 Goiás	0.07%	17 Espírito Santo	1.61%
18 Pernambuco	0.05%	18 Ceará	1.53%
19 Espírito Santo	0.04%	19 Rondônia	1.44%
20 Maranhão	0.04%	20 Acre	1.41%
21 Rio Grande do Norte	0.03%	21 Goiás	1.31%
22 Ceará	0.03%	22 Santa Catarina	1.26%
23 Alagoas	0.02%	23 Mato Grosso	1.23%
24 Tocantins	0.02%	24 Maranhão	1.19%
25 Rondônia	0.00%	25 Pará	1.17%
26 Paraíba	0.00%	26 Rio Grande do Sul	1.15%
27 Sergipe	0.00%	27 Amapá	0.33%

Fonte: CPS a partir dos microdados da POF 2009/IBGE

8 Retrospecto de Estudos e Teses de Economia das Religiões

Pesquisa anterior do Centro de Políticas Sociais da Fundação Getulio Vargas (CPS/FGV) intitulada “Retratos de religião no Brasil”, lançada em abril de 2005, mapeou a evolução da composição das crenças religiosas até o Censo 2000, confirmando movimentos apontados por outros autores. A pesquisa Economia das Religiões, de 2007, além de revelar em primeira mão a surpreendente inflexão das tendências da composição dos credos da

população brasileira a partir da virada do milênio, tenta aprofundar algumas de suas possíveis causas, inspiradas nos pontos indicados no livro seminal **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**, de Max Weber. A análise das correlações entre crenças e mobilidade social através de variáveis como escolhas ocupacionais (p. ex., empreendedorismo e divisão do trabalho), financeiras (p.ex. acumulação de capital e crédito) e educacionais (p.ex. busca de níveis de ensino mais altos), que ocupam lugar de destaque na argumentação desenvolvida pelo sociólogo alemão, são, em geral, corroboradas no contexto brasileiro. Uma diferença importante entre a referência europeia da ligação entre reforma protestante, revolução industrial e desenvolvimento capitalista de Weber e aquelas aqui estudadas é o aumento relativo do número de evangélicos pentecostais e dos sem religião. Procuramos estudar a relação entre o crescimento desses ramos religiosos e aspectos econômicos através do que denominamos ética pentecostal. O paralelo é que, enquanto para Weber o protestantismo tradicional liberou o cidadão comum cristão da culpa católica de acumulação privada de capital, segundo a abordagem a ser testada, as novas denominações pentecostais liberaram a acumulação privada de capital através da igreja.⁵ A maior ligação entre o espírito empresarial e a organização religiosa seria uma marca dos ramos religiosos emergentes hoje no Brasil - e na América Latina. O contexto de estagnação econômica das chamadas décadas perdidas de 1980 e 1990 teria propiciado, tanto por elementos de demanda como de oferta, a busca de novas modalidades de inserção produtiva para lidar com as dificuldades materiais percebidas e de ocupação em meio a crescentes taxas de desemprego e de precarização do trabalho.

A abordagem consiste em relacionar a demanda por novas opções religiosas - aumento dos pentecostais e dos sem religião - a choques econômicos e sociais adversos, como as chamadas crises metropolitanas e de desemprego, violência, favelização, informalização, entre outras. Nesse caso, identificamos com clareza a emergência de grupos pentecostais e dos sem religião entre os grupos perdedores da crise econômica e, em particular, no que tange ao seu aspecto metropolitano. Os dados demonstram claramente que a velha pobreza brasileira (p. ex., áreas rurais do Nordeste, mais assistida por programas sociais) continua católica, enquanto a nova pobreza (p. ex., periferia das grandes

⁵ Numa época de escasso crescimento econômico, podemos observar, por exemplo, as igrejas ocupando o lugar do Estado na cobrança de impostos (dízimo e outras contribuições voluntárias) e na oferta de serviços e redes de proteção social diversos. Este ponto é detalhado e testado empiricamente em Neri (2007b)

idades, mais desassistida) estaria migrando para as novas igrejas pentecostais e para os chamados segmentos sem religião⁶.

A pesquisa aprofunda a análise da relação entre religião e economia, identificando também aspectos de oferta de religião associados às transformações recentes. Observamos, por exemplo, a substituição do Estado por algumas denominações religiosas na sua função clássica de prover serviços públicos e arrecadar impostos. A pesquisa inclui dados objetivos acerca de elementos subjetivos, como percepções de itens como violência e satisfação de necessidades básicas e a qualidade de acesso a serviços e políticas públicas oferecidas. Entramos, além disso, na microeconomia da oferta de fundos para as diferentes denominações religiosas, medindo diretamente, a partir de pesquisas de orçamentos familiares, o dízimo e as doações por denominação religiosa, bem como o aumento do número de pessoas exercendo ofícios de natureza religiosa e a estrutura de incentivos oferecidos a eles por cada tipo de instituição religiosa.

Por fim, incluindo elementos híbridos da economia das religiões, a pesquisa oferece *rankings* detalhados das mudanças das crenças de mais de 50 diferentes denominações religiosas abertas por gênero e imigração, conferindo, assim, especial destaque às mudanças religiosas associadas à chamada revolução feminina e à globalização. A primeira apontaria para um distanciamento do catolicismo de corte patriarcal, enquanto a segunda apontaria para o seu fortalecimento, dado o caráter transnacional da Igreja Católica.

A ética pentecostal seria uma variante da tese weberiana citada. A ideia é que enquanto o protestantismo tradicional liberou o cidadão comum da culpa de acumulação de capital privada, as novas igrejas pentecostais liberaram a acumulação privada de capital através da igreja. A maior ligação entre o espírito empresarial e a organização religiosa propiciou a adoção de novas práticas, tais como estratégias de comunicação através da compra de emissoras de televisão e rádio, a adesão de sistemas de franquia, uma maior ligação entre a política e a igreja, entre outras. O interessante seria testar quão difundida seria essa mentalidade materialista no praticante mediano, ou até que ponto ela estaria restrita às elites clericais evangélicas. Seria a percepção da possibilidade de crescimento

⁶ Pesquisas de campo recentes, como as do Centro de Estatística Religiosa e Investigação Social – CERIS (2004) (vide FERNANDES (2005a e 2005b)), revelam alta mobilidade religiosa para dentro e para fora desses grupos.

profissional e material através das práticas religiosas extensível à base das estruturas pentecostais?

O protestantismo, hoje tradicional, vicejou em lugares que se tornariam o centro dinâmico do capitalismo de então. As novas crenças emergentes no Brasil estariam prosperando numa fase de descrença quanto à possibilidade individual de ascensão social e profissional. Complementarmente, as novas igrejas pentecostais estariam, numa época de escasso crescimento econômico, ocupando o lugar do Estado na cobrança de impostos (dízimo e outras contribuições) e na oferta de serviços e redes de proteção social. Discutir política social sem levar em conta a atuação de entidades religiosas significa deixar de fora um elemento fundamental. O crescimento de informalidade que marcou a sociedade brasileira durante as chamadas décadas perdidas encontraria eco nas novas estruturas criadas pelos movimentos pentecostais. O caráter embrionário de algumas dessas religiões ofereceria os graus de liberdade necessários para a adaptação da doutrina a novos aspectos da realidade que se apresenta.

Outra variante das afinidades eletivas entre religião e inserção profissional, no lado positivo, seria a questão de gênero, que desempenha papel central na mudança de religiosidade recém-observada, conforme vimos na seção anterior deste artigo. As mulheres são mais religiosas do que os homens, mas, apesar disso, as mulheres são menos católicas do que os homens. Uma interpretação para as mudanças religiosas femininas é que as alterações no estilo de vida feminino ocorridas nos últimos 30 anos no Brasil não encontraram eco na doutrina católica, menos afeita a mudanças.

Conclusão

O Papa Bento XVI anunciou em 2011 em Madrid, durante a Jornada Mundial da Juventude, o Rio de Janeiro como sede para a próxima edição do evento, em 2013. A visita do Papa ao Brasil abrirá a sequência de megaeventos internacionais sediados pelo Rio de Janeiro. Disponibilizamos na página da Fundação Getúlio Vargas um completo mapa estatístico da religiosidade brasileira, atualizando essa composição religiosa a partir dos microdados da POF DE 2003 e 2009, com classificações comparáveis ao Censo, cujas informações disponíveis até o momento datam de mais de 10 anos.

Em termos mais substantivos, as principais evidências se referem a relação entre economia e religiões e a demografia das opções religiosas brasileiras. O contexto econômico difere das décadas anteriores, permitindo verificar que, num contexto de expansão, a velocidade de queda do catolicismo entre 2003 e 2009 é dez vezes mais rápida do que a observada entre 1872 e 1980, porém similar aquela observada nos anos de 1990 e mais acelerada do que na chamada década perdida na economia dos anos 1980s. As novas filiações não são dirigidas apenas aos grupos evangélicos pentecostais como nos anos 1980s e 1990s, mas apontam para uma maior diversidade religiosa em geral, devendo-se assinalar o crescimento dos grupos protestantes tradicionais. Ao contrário dos países europeus mais católicos, que vivem contração econômica (PIIGS), as localidades brasileiras mais católicas vivem expansão mais forte que as demais. Neste sentido, o Brasil, como representante católico entre os países dos BRICS, seria exceção corrente à tese weberiana. Os brasileiros também se mostram na mediana de frequência a cultos religiosos entre 150 países.

Em grandes linhas, as principais mudanças sócio-econômicas são: as mulheres embora mais religiosas que os homens, tornaram-se menos católicas. Este ponto é fundamental para traçar perspectivas futuras pois a religião é frequentemente passada das mães às filhas e aos filhos. Os jovens mostram fuga acelerada do catolicismo. Classes econômicas mais abastadas apresentam maior diversidade religiosa tendência que

Sintetizando, as conclusões da pesquisa indicam que:

1) O Brasil não é só o país com a maior população católica do mundo, como, simbolicamente, é o único que integra o grupo dos maiores países emergentes, os BRICS. O dado comum aos países submergentes do chamado grupo dos PIIGS (Portugal, Irlanda, Itália, Grécia e Espanha) é o catolicismo. Como reflexo do estado da economia, em Madrid, ocorreu recentemente uma série de protestos contra os custos da jornada. Se Max Weber estivesse vivo, veria na crise econômica atual uma confirmação de sua tese sobre a ética protestante e o espírito do capitalismo, publicada originalmente 106 anos atrás. A maior economia católica do mundo, a França, passou recentemente por um ataque especulativo na origem da instabilidade financeira recente. O PIB do Brasil irá, em algum tempo,

ultrapassar a França para se tornar também o maior PIB predominantemente católico do mundo.

2) Será o Brasil exceção à tese weberiana? Os estados mais católicos brasileiros são os nordestinos, com 74,9% de sua população. Esses estados estão crescendo de modo mais forte que os demais. De 2001 a 2009, a renda do Nordeste cresceu 41,8% contra 15,8% no Sudeste, a região menos católica, com 64,3% de sua população. De 2001 a 2008, a capital brasileira em que a renda cresceu mais foi Teresina, com 56,2%, e entre as periferias das grandes metrópoles, isto é, contando todos os municípios da metrópole menos a capital, aquela em que a renda cresceu mais foi na periferia da Grande Fortaleza. Em suas respectivas categorias geográficas, isto é, capital dos estados e periferia metropolitana, estas são as mais católicas do país com 80,7% e 74,3%, respectivamente.

3) Há uma maioria católica ainda. Chegamos, em 2009, ao menor nível de adeptos ao catolicismo em nossa história estatisticamente documentada. A proporção de católicos que se mantinha constante no início da década passada (cerca de 74% da população nos anos 2000 e 2003), passa a 68,43% no final da década. Essa queda de 7,3% na taxa entre 2003 e 2009 foi combinada com aumento de outros grupos: a proporção de evangélicos cresce 13,13% no período (passa de 17,88% para 20,23% da população). Cresce também o grupo de pessoas que não possuem religião (de 5,13% para 6,72%, em 7 anos).

4) As mulheres são hoje, como sempre foram, mais religiosas do que os homens: 5% delas não possuem crença, contra 8,52% deles. Apesar disso, eles são hoje mais católicos do que elas, invertendo a relação observada 70 anos antes. Entre os que professam alguma religião (ou seja, excluindo os que não possuem religião), 71,6% das mulheres são católicas contra 75,4% dos homens. Em 1940, a ordenação dessas taxas era invertida, correspondendo a 96% e 95%, respectivamente.

5) Menos da metade da população fluminense se diz católica (49,83%), a penúltima unidade da Federação, apenas atrás de Roraima. Piauí era a mais católica das 27 UFs, com 87,93% de sua população. O estado do Rio de Janeiro é o 2º no *ranking* da menor

religiosidade, com apenas 15,95% de sua população sem religião. O Piauí ocupa o topo do *ranking* da religiosidade e Roraima, mais uma vez, encontra-se no extremo oposto. O estado com a maior participação de evangélicos pentecostais é o Acre (24,18%) e, nas demais denominações evangélicas, que incluem as tradicionais, o líder é o Espírito Santo (15,09%). O estado do Rio de Janeiro é recordista em religiões espíritas (3,37%) e também nas afro-brasileiras (1,61%), 2º (0,69%) nas religiões orientais, logo depois de São Paulo (0,78%) e 3º no conjunto das demais religiões (3,625), depois de Pernambuco (4,25%) e Roraima (6,17%).

6) Dentre as 27 capitais, Boa Vista, Salvador e Porto Velho, respectivamente, formam a trinca das cidades com mais pessoas sem religião. Teresina é a capital mais católica do país, com 80,66% de fiéis – Fortaleza (74,25%) e Florianópolis (73,91%) completam o “pódio”. Boa Vista é a menos católica, com 40,87%. A região Norte ocupa as quatro primeiras posições no *ranking* de capitais evangélicas pentecostais – Rio Branco (28,43%), Belém (22,99%), Boa Vista (21,21%) e Porto Velho (19,02%). As periferias de Belo Horizonte (24,48%), Curitiba (24,21%) e Salvador (24,02%) lideram nas metrópoles. As outras evangélicas são mais populares em Vitória (18,13%), Rio Branco (14,63%) e Campo Grande (13,71%) e menos seguidas em Macapá (4,35%), Porto Alegre (3,90%) e Teresina (3,68%). O Rio de Janeiro é a capital mais espiritualista do Brasil (5,27% de adeptos) e a segunda maior em religiões afro-brasileiras (2,04%). A periferia fluminense é a que conta com mais adeptos desta última, 1,99%.

7) Os dados de renda mostram que, entre os sem religião, a classe E sobressai como a mais importante de todas as classes (7,72% dos pobres não possuem religião), seguida do topo da distribuição da classe AB (6,91% na AB). Entre os Católicos, os pontos mais altos também estão nos extremos da distribuição de renda, sendo 72,72% dos pobres e 69,07% nas classes AB. A classe mais importante para os evangélicos pentecostais é a classe D (14,98%), seguida dos pobres. Já as evangélicas tradicionais estão mais concentradas na faixa AB (8,35%) e C (8,72%), diminuindo nos níveis mais baixos de renda. Finalmente, a taxa de adesão a outras religiões cai monotonicamente com a renda (de 9,25% na classe AB para 2,24% na E).

REFERÊNCIAS

ALDOUS, Joan. Problematic elements in the relationship between churches and families. In: ALDOUS, Joan; D'ANTONIO, Willian V. (Ed.). **Families and religions: conflict and change in modern society**. Beverly Hills: Sage. 1983. p. 67-80.

ALMEIDA, Ronaldo de. **Dinâmica religiosa na metrópole paulistana**. São Paulo: Centro de Estudos da Metrópole, 2003.

AZZI, Corry; EHRENBERG, Ronald G. Household allocation of time and church attendance. **Journal of Political Economy**, Chicago, v. 83, p. 27-56, 1975.

BARRO, Robert J.; MCCLEARY, Rachel M. **Religion and economic growth**. National Bureau of Economic Research. (NBER Working Papers 9682). Disponível em: <<http://www.nber.org/papers/w9682.pdf>>. Acesso em: 05 Feb. 2006.

BARRO, Robert J.; MCCLEARY, Rachel M. **Religion and political economy in an International Panel**. National Bureau of Economic Research. (NBER Working Papers 8931). Disponível em: <<http://hvr.d.me/rBEEJE>>. Acesso em: 05 Feb. 2006.

BENEDETTI, Luiz Roberto. **Pentecostalismo, Comunidades Eclesiais de Base e Renovação Carismática**. São Paulo: Loyola, 2001. (Cadernos CERIS).

BRUCES, S. **Choice and religion: a critique of rational choice theory**. Oxford: Oxford University Press, 1999.

BRUNEAU, Thomas. **The political transformation of the Brazilian Catholic Church**. London: Cambridge University Press, 1974.

CALL, Vaughn; HEATON, Tim B. Religious Influence on Marital Stability. **Journal for the Scientific Study of Religion**, Provo, v. 36, n.3, p. 382-392, set.1997.

CHAVES, Mark; CANN, David E. Regulation, pluralism, and religious market structure. **Rationality and Society**, Ithaca, v. 4, n. 3, p. 272-290, Jul. 1992.

CHAVES, Mark; GORSKI, Philip S. Religious, pluralism and religious participation. **Annual Review of Sociology**, Madison, v. 27, p. 261-281, Aug. 2001.

CHRISTIANO, K. J. **Religious diversity and social change: American Cities, 1890-1906**. New York: Cambridge University Press, 1987.

CLARKE, Peter B. Pop-star priests and the catholic response to the 'explosion' of Evangelical Protestantism in Brazil: the beginning of the end of the 'walkout? **Journal of Contemporary Religion**, Warwick, v. 14, n. 2, p. 203-216, 1999.

CLEARY, Edward L.; STEWART-GAMBINO, H. (Ed.). **Conflict and competition: the latin-american Church in a changing environment**. Boulder: Lynne Rienner, 1992.

COOMBS, Lolagene C.; ZENA, Zumeta. Correlates of marital dissolution in a prospective fertility study: a research note. **Social Problems**, Oakland, v. 18, n. 1, p. 92-102, 1970.

DEGRANDIS, R.; SCHUBERT, L. (Org.). **Vem e segue-me: a liderança na Renovação Carismática Católica**. São Paulo: Loyola, 1990.

DICKINSON, F. **The changing position of philanthropy in the american economy**. New York: Columbia University Press, 1970.

DURKHEIM, Emile. **The elementary forms of religious life**. New York: Free Press, 1965.

ESPOSITO, John L. Religion and global affairs: political challenges. **SAIS Review**, Washington, v. 18, n. 2, p. 19-24, 1998.

FERNANDES, Sílvia R. (Org.). **Mudança de religião no Brasil: desvendando sentidos e motivações**. São Paulo: Palavra e Prece, 2006.

FERNANDES, Silvia R. A. Crenças, motivações para crer e espiritualidades. In: FERNANDES, Silvia R. A.; MEDEIROS, Kátia M. C. **Catolicismo e experiência religiosa no Piauí**: pesquisa com a população. São Paulo: Loyola, 2005a. (Coleção CERIS).

FERNANDES, Silvia, R.; MEDEIROS, Kátia M. (Org.). **Catolicismo e experiência religiosa no Piauí**: pesquisa com a população. Rio de Janeiro: CERIS; São Paulo: Loyola, 2005b. (Coleção CERIS).

FINK, R.; STARK, R. **The churching of America – 1776 – 1990**: winners and losers in our religion economy. New Brunswick: Rutgers University Press, 1992.

FINK, Roger; STARK, Rodney. Religious economies and sacred canopies: Religious mobilizations in American Cities, 1906. **American Sociological Review**, Washington, v. 53, n. 1, p. 41-49, Feb. 1988.

FINKE, Roger. Religious deregulation: origins and consequences. **Journal of Church and State**, Waco, v. 32, n. 3, p. 609-626, 1990.

FINKE, Roger; IANNACCONE, Laurence R. Supply-side explanations for religious change in America. **The Annals of the American Academy of Political and Social Science**, Thousand Oaks, v. 527, p. 27-39, 1993.

FOX, Jonathan. Religious causes of international intervention in ethnic conflicts. **International Politics**, London, v. 38, n. 4, p. 515-531, dec. 2001.

FREIRE, Gilberto. **Casa grande e senzala**. Rio de Janeiro: Schmidt, 1933.

GILL, A. **Rendering unto Caesar**: the Catholic Church and the state in Latin America. Chicago: University of Chicago Press, 1998.

GLENN, Norval; SHELTON, Beth Ann. Regional differences in divorce in the Unites States. **Journal of Marriage and the Family**, Minneapolis, v. 47, n. 3, p. 641-652, Aug. 1985.

GLOCK, G.; STARK, R. **Religion and society in tension**. Chicago: Rand McNally, 1965.

GOCKEL, Galen L. Income and religious affiliation: a regression analysis. **American Journal of Sociology**, Chicago, v. 74, n. 6, p. 632-347, may 1969.

GREELEY Andrew M. **Religion in Europe at the end of the Second Millennium**. New Brunswick: Transaction, 2003.

IANNACCONE, Laurence R. Religious markets and the economics of religion. **Social Compass**, Louvain, v. 39, n. 1, p. 123-131, 1992.

IANNACCONE, Laurence R. Reassessing Church growth: statistical pitfalls and their consequences. **Journal for the Scientific Study of Religion**, Provo, v. 35, n. 3, p. 197-216, sept. 1996.

IANNACCONE, Laurence R. Why strict churches are strong. **American Journal of Sociology**, Chicago, v. 99, n. 5, p. 1180-1211, 1994.

JACKSON, Elton F.; FOX, Willian S.; CROCKET, Harry J. Religion and occupational achievement. **American Sociological Review**, Washington, v. 35, n. 1, p. 48-63, Feb. 1970.

JACOB, César R. et al. (Org.). **Atlas da filiação religiosa e indicadores sociais**. São Paulo: Loyola, 2003.

JOHNSON, Curtis D. Supply-side and demand-side revivalism? evaluating the social influences on New York state evangelism in the 1830s. **Social Science History**, Durham, v. 19, n. 1, p. 1-30, 1995.

KAMEL, A. **Sobre o Islã**: afinidades entre Muçulmanos, Judeus e Cristãos e as origens do terrorismo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.

LAZARWITZ, Bernard. Some factors associated with variations in Church attendance. **Social Forces**, Oxford, v. 39, n. 4, p. 301-309, May 1961.

LENSKI, Gerhard E. Social correlates of religious interest. **American Sociological Review**, Washington, v. 18, n. 5, p. 533-544, Oct. 1953.

MAFRA, Clara. Relatos compartilhados: experiência de conversão ao pentecostalismo entre brasileiros e portugueses. **Mana**, Rio de Janeiro, v.6, n.1, p.57-86, Abr. 2000.

MARTIN, R. C. The study of religions and violence. In: RAPPORT, D. C.; ALEXANDRE, Y. (Ed.). **The morality of terrorism: religious and secular justifications**. 2nd edn. New York: Columbia University Press, 1989.

NERI, Marcelo. A ética pentecostal e o declínio católico. **Revista Conjuntura Econômica**, Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2005a. Disponível em: <<http://bit.ly/rx59QF>> Acesso em 06 fev 2006.

NERI, Marcelo. Crise metropolitana e conversão religiosa. **Revista Conjuntura Econômica**, Rio de Janeiro, Fundação Getulio Vargas, 2007a. Disponível em <<http://bit.ly/vXRg4s>>. Acesso em 06 fev. 2010.

NERI, Marcelo. **Economia das religiões**. Rio de Janeiro: Centro de Políticas Sociais. Fundação Getulio Vargas, 2007b. Disponível em <<http://www.fgv.br/cps/pesquisas/religoes>>. Acesso em 06 fev. 2008.

NERI, Marcelo Cortes (Coord.). **Novo Mapa das Religiões**. Rio de Janeiro: FGV/CPS, 2011. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cps/religiao/>>. Acesso em: 03 out. 2011.

NERI, Marcelo. **Retratos da Religião no Brasil**. Centro de Políticas Sociais, Fundação Getulio Vargas, 2005b. Disponível em <<http://www.fgv.br/cps/religoes/inicio.htm>>. Acesso em 05 fev. 2006.

NOVAES, Regina. Os jovens “sem religião”: ventos secularizantes, “espírito de época” e novos sincretismos: notas preliminares. **Estudos Avançados**, v. 18, n. 52, p. 321-330, Set./Dez.2004.

OLSON, Daniel V. A.; PERL Paul. Religious market share and intensity of church involvement in five denominations. **Journal for the Scientific Study of Religion**, Provo, v. 39, n. 1, p. 12-31, mar. 2000.

ORO, Ari Pedro. **Avanço pentecostal e reação católica**. Petrópolis: Vozes, 1966.

ORO, Ari Pedro. Considerações sobre a liberdade religiosa no Brasil. **Ciências e Letras**, Porto Alegre, n. 37, p. 433-447, Jan./Jun. 2005. Disponível em: <<http://www.fapa.com.br/cienciaseletras/publicacao.htm>>. Acesso em 03 fev. 2006.

ORO, Ari Pedro. Mobilidade religiosa dos católicos no Sul do Brasil. **Revista Eclesiástica Católica**, Rio de Janeiro, v. 51, p. 309-331, jun. 1991.

PIERRUCCI, Antônio Flavio. O retrovisor polonês. **IHU on-line**, São Leopoldo, n. 136, 2005. Disponível em <<http://www.ihu.unisinos.br>>. Acesso em 20 abr. 2005.

PIERRUCCI, Antônio Flávio. Bye, bye Brasil: o declínio das religiões tradicionais no Censo 2000. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 18, n. 52, p. 17-28, 2004.

PIERRUCCI, Antônio Flávio. **O desencantamento do mundo**: todos os passos do conceito de Max Weber. São Paulo: USP/Editora 34, 2003.

SALES, Stephen M. Economic Threat as a determinant of conversion rates in authoritarian and no authoritarian Churches. **Journal of Personality and Social Psychology**, Washington, v. 23, n. 3, p. 420-448, sept. 1972.

SOUZA, Luiz Alberto; FERNANDES, Silvia R. A. (Org.). **Desafios do catolicismo na cidade**: pesquisa em regiões metropolitanas brasileiras. São Paulo: Paulus, 2002.

TEIXEIRA, Faustino. **A teologia do pluralismo religiosa em questão**. Disponível em: <http://www.empaz.org/dud/du_art04.htm>. Acesso em: 03 Dez.2005.

THOMAS, S. M. Taking Religious and cultural pluralism seriously: the global resurgence of religion and the transformation society. **Millennium**, London, v. 29, n. 3, p. 815-841, Dec. 2000.

WARREN, Bruce L. Socioeconomic achievement an religion: the american case. **Sociological Inquiry**, Ipsilanti, v.40, p.130-55, 1970.

WEBER, Max. **Economia e sociedade**: fundamentos da sociologia compreensiva. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

WEBER, Max. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**. São Paulo: Martin Claret, 2002.

ZALESKI Peter A.; ZECH, Charles E. The effect of religious market competition on church giving. **Review of Social Economy**, London, v. 53, n. 3, p. 350-367, sept. 1995.



Praia de Botafogo, 190, Sala 1501 - CEP: 22250-900 - Rio de Janeiro - RJ
Tel.: (21) 3799-2320 / E-mail: fgvsocial@fgv.br
www.fgv.br/fgvsocial